

NOTA

# IGU Urban Commission Annual Meeting 12 a 17 de agosto de 2018

por Pedro Henrique Freire Janzantti

O Encontro Anual da Comissão Urbana da União Geográfica Internacional ocorreu entre 12 e 17 agosto de 2018 em Montreal, no Canadá. Apresentou um ambiente frutífero para o avanço teórico-prático das questões urbanas e as estratégias de superação possíveis dos problemas do crescimento desenfreado das cidades, ao mesmo tempo em que ocorre seu declínio.

\* \* \*

O Encontro Anual da Comissão Urbana da União Geográfica Internacional (IGU) ocorreu entre 12 e 17 agosto de 2018 em Montreal, no Canadá. Com esta nota, procura-se documentar as discussões realizadas nesse evento e, assim, registrar a contribuição desse momento de reflexão teórica e empírica para a História do Pensamento Geográfico urbano. Além de apresentar as sessões e o tema desse ano, será dada atenção especial a algumas sessões do evento. O tema do encontro foram os desafios urbanos para um mundo complexo e os fatores-chave do crescimento e do declínio urbano (“Urban Challenges in a Complex World. Key factors for urban growth and decline”).

As cidades, com seus processos e problemas distintos, são as principais feições do mundo moderno. A Comissão encorajou as discussões em um contexto global comparativo, pois acredita que possibilitam análises de estratégias globais e suas especificidades nos lugares. Onze desafios urbanos específicos estruturaram o evento: i) Sistemas Urbanos Complexos e processos de transformação das cidades; ii) Inovações tecnológicas, atividades criativas nas cidades; iii) Construção e transporte inteligente e inovador nas cidades; iv) Policentrismo, cidades médias e pequenas; v) Cidades sustentáveis e resilientes; vi) Decadência e envelhecimento das cidades; vii) Governança Urbana, planejamento e democracia participativa; viii)

Espaços Sociais Contestados; ix) Bem-estar subjetivo e objetivo nas cidades; x) Patrimônio Urbano e Conservação; por fim, xi) Novos conceitos e métodos em estudos urbanos.

A abertura do evento ocorreu no dia 13 de agosto e foi proferida pelo Professor Emérito Mario Polèse, do Centre Urbanisation Culture Société do Institut National de la Recherche Scientifique (INRS - Université du Québec). Formado em Economia, especialista em economia regional e urbana, o professor foi bastante provocativo nas colocações sobre declínio das cidades e nos modelos que relacionam população e produção de riqueza. Em suas palavras: “the space matters, but perhaps less than we think”. Por ele, foi advogado que as geralmente as economias de aglomeração trazem consequências negativas que levam ao declínio da cidade, pois a inovação não é produtiva o suficiente para fixar a riqueza ao espaço.

A debatedora, Professora Denise Pumain, da Université Paris I Panthéon-Sorbonne, agraciada com o prêmio internacional Vautrin Lud em 2010, refutou que a aglomeração seja preceito para o crescimento da economia urbana, mas, sim, consequência. Conhecida pelo desenvolvimento de teorias de sistemas urbanos e a dependência espaço temporal (*path dependence* e reformulações da “Tobler's first law of geography”), Professora Pumain defendeu um método analítico sistêmico para encarar os problemas das cidades em todo o mundo, mesmo que sejam necessárias abstrações e generalizações.

A reunião foi organizada em 20 sessões de dez temas diferentes, incluiu 86 artigos e pesquisadores de 24 países.

**Quadro 1. Síntese da programação do evento, por título das sessões e pesquisador responsável pela coordenação do debate**

Sessão	Pesquisador responsável pela coordenação
1. Questões Chave para o Crescimento e Declínio Urbano	Prof. Mario Polèse (Canadá)
2. Bem-estar nas cidades	Natacha Aveline-Dubach (França)
3. Sistemas complexos urbanos e processos de transformação na cidade	Larry Bourne (Canadá) Denise Pumain (França)
4. Novos conceitos e métodos de estudos urbanos	Julio Pedrassoli (Brasil)
5. Inovações tecnológicas e atividades	Ludger Basten (Alemanha)

criativas nas cidades	Suhong Zhou (Japão) Liliane Bucciante-Barakat (Líbano)
6. Cidades sustentáveis para resilientes	Maria Jose Piñeira Mantiñán (Espanha) Ivan Townshend (Canadá) Reinaldo Paul Pérez Machado (Brasil)
7. Policentrismo, pequenas e médias cidades	Lidia Mierzejewska (Polônia)
8. Governança urbana, planejamento e democracia participativa	Jun Yamashita (Japão) Javier Delgado (Espanha)
9. Encolhimento e envelhecimento das cidades	Céline Rozenblat (Suíça) Tomoko Kubo (Japão)
10. Espaços sociais de contestação	Dan O'Donoghue (Inglaterra)

Os trabalhos discutiram as transformações nas formas e nas funções das cidades, incluindo as relações entre a sociedade e a natureza, bem como novos métodos empíricos e teóricos para avaliar a cidade contemporânea (caracterizada pela reprodução do capital financeiro fictício através dos usos intensivos de seu território). Atenção especial foi dada à dimensão econômica e administrativa dos negócios resultantes da aglomeração populacional, como transporte, moradia, saúde e abastecimento alimentar. A fim de ilustrar como esse encontro tem potencial de oxigenar o debate da Geografia Urbana no Brasil, escolheu-se apresentar resumos de três sessões específicas.

Por exemplo, em uma das sessões, a primeira pesquisadora, partindo da habitação como negócio, apresentou as estratégias de reprodução do capitalismo financeiro utilizadas pelos bancos e empresas de seguro durante a crise financeira em Puebla, no México, durante 2008 e 2014. O segundo pesquisador discutiu como a reforma territorial francesa levou a uma nova forma de cidade-região, não apenas com a nova definição de competitiva economicamente, mas também com novas solidariedades. Daí um agente legal, através de uma norma (ação), implicar na renovação do conceito de cidade-região (*city-region*, *ville-région*). Também na França, a terceira pesquisadora mostrou, a partir da discussão legal e de entrevistas, o declínio urbano de Rabaix, na região metropolitana de Lille. Provou-se como o declínio urbano não é apenas populacional, mas inclui também a deterioração das formas e o surgimento de áreas vazias. Desse debate, diferentes perguntas surgiram, como: i) seria o declínio urbano uma tendência, visto que a destruição criativa possui limites, ou o Estado pode direcionar inovações produtivas nessas áreas?; ii) afinal, como o Estado corrobora com a transformação das cidades, através da governabilidade ou pela governança?

Em outra sessão, ocorrida na quinta-feira, a primeira pesquisadora discutiu, a partir do mapeamento de *brownfields* militares em áreas distintas da França e da Alemanha, formas de reuso desses objetos para sua reintegração à dinâmica urbana. Entretanto, devido à falta de embasamento conceitual sobre resiliência e sustentabilidade urbana, muitas questões foram feitas. Por outro lado, o pesquisador seguinte discutiu, através de métodos bibliométricos, as relações entre sustentabilidade e resiliência, argumentou que a resiliência pode ser operacional e que uma possível saída é uma abordagem sistêmica multiescalar. Diferentes perguntas emergiram dessa sessão, como: i) ainda resiste uma abordagem ecológica sobre o urbano?; ii) as mudanças da sociedade podem ser comparadas às ocorridas no ecossistema?; iii) seria possível encontrar soluções baseadas na natureza, ainda que no sistema econômico capitalista?

Por fim, escolheu-se apresentar a discussão de uma mesa sobre o encolhimento e o envelhecimento das cidades. Para a realidade brasileira, talvez pareça algo bastante distante; entretanto, em outros lugares, como o Japão, realmente há uma preocupação com o isolamento da comunidade, o enfraquecimento das relações sociais, a falta de acesso aos serviços, à segurança e à alimentação. A primeira pesquisadora mostrou as consequências das renovações urbanas nas cidades japonesas para a indústria da saúde. Já a segunda e a terceira pesquisadoras discutiram o encolhimento das cidades periféricas japonesas a partir da migração de jovens para os grandes centros urbanos e pela diminuição do tamanho das famílias, motivada por razões emocionais, legais e econômicas. Mostrou-se ainda que as renovações urbanas e o corte de subsídios governamentais nas áreas periféricas também são forças motrizes do esvaziamento de moradias, do despovoamento de regiões e do surgimento de metrópoles compactadas.

Enfim, no Encontro Anual de Geografia Urbana da IGU, nos corredores e nas dinâmicas de Montreal, viveu-se um momento de pluralidade, encontros e desencontros ideológicos, mas, acima de tudo, rigor. Incluindo pessoas de diferentes matrizes teóricas, com diferentes objetos de pesquisa, reforçou-se que as cidades são muito heterogêneas, e que os processos urbanos permitem diversos métodos analíticos e pressupostos teóricos. Independentemente disso, provou-se o enorme esforço intelectual de todos na busca do diálogo, bem como a preocupação de entender o espaço como instância social.

\* \* \*

 BCG: <http://agbcampinas.com.br/bcg>